

João Luís Cardoso

Universidade Aberta
Centro de Estudos Arqueológicos
do Concelho de Oeiras / Câmara Municipal de Oeiras

Alexandra Gradim

Câmara Municipal de Alcoutim

A necrópole de cistas da Idade do Bronze
das Soalheironas (Alcoutim).
Primeira notícia dos trabalhos realizados
e dos resultados obtidos

promontoria

Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve

Faro
Ano 6 - N.º 6
2008

A necrópole de cistas da Idade do Bronze das Soalheironas (Alcoutim). Primeira notícia dos trabalhos realizados e dos resultados obtidos¹

João Luís Cardoso

Universidade Aberta. Centro de Estudos
Arqueológicos do Concelho de Oeiras

Alexandra Gradim

Câmara Municipal de Alcoutim

Localização e características geográficas do sítio

A identificação da necrópole da Idade do Bronze de Soalheironas, pertencente à freguesia e concelho de Alcoutim, deve-se a Helena Catarino, que, no entanto, se limita a apresentar a sua localização cartográfica, e a indicar-lhe o nome, "Cerro das Soalheironas", sem qualquer outro elemento (Catarino, 1997/1998, 3: 1222-1223).

As coordenadas do sítio, na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000 (folha 567, edição de 1991), são as seguintes: 7° 30' 00" Long. W; 37° 30' 34" Lat. N.

A necrópole possui uma implantação no terreno claramente determinada pela sua topografia: com efeito, foi evidente a selecção de uma crista rochosa, estreita e alongada, com a altitude culminante de 133 m, constituída por alternâncias rítmicas de xistos e grauvaques do Carbonífero superior (fácies "flysh") ao longo da qual se implantou a necrópole, ocupando uma extensão superior a 100 m (Figs. 1, 2). O local dista cerca de 3 km para Oeste, em linha recta, do Guadiana, situando-se no limite da linha de relevos que bordeja o topo da encosta direita em que o rio se encontra entalhado, sendo profundamente recortada por vales de numerosos tributários laterais.

Neste trabalho, pretende-se dar a conhecer os principais resultados obtidos, bem como a totalidade das peças do espólio, sem contudo se desenvolverem comparações tanto com necrópoles homólogas, como com os respectivos espólios, que se reservarão para um estudo de maior fôlego, a ser realizado ulteriormente pelos autores.

¹ Trabalho coordenado e redigido pelo primeiro signatário, a partir dos resultados da escavação, por ambos realizada. Fotos de João Luís Cardoso. Desenhos de Filipe Martins e Bernardo Ferreira.

Objectivos

No decurso de trabalhos de florestação levados a cabo na área da necrópole, já depois da sua identificação, foi aberto um estradão, que passa a escassos metros de algumas das cistas da necrópole, executado sem o conhecimento de um de nós (A.G.), na qualidade de Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim. Esta acção atingiu directamente a necrópole: a passagem de máquinas com lagartas sobre os topos de algumas sepulturas, teve como consequência o seu esmagamento, aspecto particularmente evidente depois da limpeza do terreno e da escavação das mesmas (Fig. 3).

Impunha-se, assim, uma escavação preventiva, face ao risco iminente em que se encontrava a necrópole, conducente à delimitação do espaço arqueológico que importaria preservar, tendo em vista a sua ulterior integração em roteiros de visita de carácter temático, à semelhança do já verificado para outros sítios arqueológicos do concelho de Alcoutim anteriormente intervencionados pelos signatários.

Trabalhos realizados

Os trabalhos realizaram-se sob a orientação do primeiro dos signatários, tendo sido autorizados pelo Instituto Português de Arqueologia, depois de obtida a concordância da Doutora Helena Catarino, na qualidade de autora da identificação do sítio, quanto à intenção de se proceder à investigação da necrópole. As escavações, iniciadas a 22 de Agosto, viriam a terminar a 16 de Setembro de 2005, num total de vinte dias úteis de trabalho. No final da campanha, a necrópole foi dada como explorada na sua totalidade.

Os trabalhos, nas duas primeiras semanas, corresponderam essencialmente à desmatação da densa cobertura de giestas, abrangendo a extensa área ocupada pela necrópole, tendo-se iniciado a escavação das duas primeiras sepulturas. Colaboraram nesta primeira fase dos trabalhos dois jovens integrados em programa OTL, organizado pela Câmara Municipal de Alcoutim, bem como outros colaboradores benévolos: Mário Areal, Gil Lopes e Patrícia Baptista.

A segunda fase dos trabalhos, correspondeu às duas últimas semanas da presença da equipa, agora constituída por estudantes pré-universitários (João Miguel Nunes Pereira Brandão), ou já universitários (da Universidade Nova de Lisboa – Diogo Filipe Rodrigues Paiva, Filipe Cardoso Castanheira Nunes, Ana Raquel Augusto Policarpo; da Universidade do Algarve – Marco António Inácio Santos; Vânia Manuela Machinho Mendonça; Susana Martins; do Instituto Superior Técnico – André Ramos da Silva); ou já licenciados e colaboradores usuais do primeiro signatário (Dr.^a Marta Fonseca Araújo; Dr.^a Sofia Isabel Monteiro de Albuquerque).

Nesta segunda fase dos trabalhos, prolongou-se a área desmatada para poente, para abarcar a totalidade do espaço abrangido pela necrópole, ao mesmo tempo que prosseguiu a escavação sistemática das sepulturas entretanto postas a descoberto, com o registo tridimensional e fotográfico sistemático dos artefactos que nelas se conservavam. Desta forma, foi possível reunir um abundante *corpus* documental, que fará parte integrante de futuro trabalho monográfico sobre a estação.

Após a conclusão da escavação, os trabalhos de campo prosseguiram, com o levantamento topográfico da necrópole e respectiva ligação à rede geodésica nacional (trabalho a cargo do GAT de Tavira), a par do desenho de pormenor de cada uma das sepulturas e respectivos cortes, trabalho de que se encarregou o técnico da Câmara Municipal de Alcoutim Dr. Fernando Estêvão Dias e a segunda signatária. Estes desenhos foram ulteriormente tratados graficamente por Bernardo Ferreira, após revisão do primeiro signatário, reservando-se a sua apresentação para estudo ulterior, até para não sobrecarregar demasiadamente esta primeira contribuição com elementos gráficos.

Os trabalhos de gabinete consistiram ainda no desenho integral de todos os artefactos recolhidos, os quais serão adiante apresentados, tarefa de que se encarregou, sob orientação do primeiro signatário, os seus colaboradores Dr. Filipe Martins (cerâmicas) e Bernardo Ferreira (objectos metálicos).

Resultados obtidos

Descrever-se-ão de seguida, de forma sucinta, os aspectos mais relevantes que foram observados no decurso da escavação.

Rituais funerários

A acidez dos solos impediu a conservação de qualquer resto humano. Ficam, pois, por esclarecer os aspectos relacionados com a posição ocupada pelos corpos, a distribuição etária ou a repartição por sexos. Contudo, nos casos em que tais restos se conservaram, é usual a deposição em decúbito lateral, com braços e pernas flectidos, pois a tanto obrigava a exiguidade dos espaços disponíveis. Por outro lado, ainda que se não tenham recolhido quaisquer restos humanos, a posição dos corpos, no interior das cistas, pôde ser, nalguns casos, reconstituída, graças à distribuição dos espólios recuperados.

A pequenez de algumas sepulturas sugere a tumulação de crianças, tal como já se tinha observado numa das sepulturas (sepultura 4) da necrópole de cistas da Idade do Ferro do Cabeço da Vaca 1 (Cardoso & Gradim, 2006). É o caso da sepultura 5 (Fig. 4), a qual, com um dos esteios de topo deslocado para o interior do espaço funerário, mostra que o mesmo, inicialmente, se encontrava desprovido de terras. Noutros casos, são os

esteios laterais que cederam para o interior. Deste modo, pode concluir-se que os corpos, tal como o observado em outras necrópoles, como é o caso das necrópoles da Provença e da Quitéria (Silva & Soares, 1981: 145), seriam depositados no interior das câmaras que, ulteriormente, viriam a ser preenchidas de terras, por percolação através das juntas dos esteios, processo acelerado logo que as lajes de cobertura se fracturassem ou fossem removidas da sua posição primitiva.

Orientação das sepulturas e organização da necrópole

A configuração linear da necrópole, determinada pela morfologia do local para a sua implantação – até agora sem paralelo nas necrópoles coevas do sul de Portugal – explica, também a orientação geral (com pequenas variações) das sepulturas, de ESE para WNW. Desta forma, pode concluir-se que, durante a utilização da necrópole, não se terão observado alterações ao nível do ritual funerário.

Por outro lado, aquando da realização da escavação, que também progrediu de nascente para poente, foi-se tornando cada vez mais evidente a organização interna da mesma em diversos núcleos sepulcrais, constituídos por agrupamentos de sepulturas mais próximas (Figs. 4, 5). No conjunto, podem considerar-se seis núcleos, constituídos, respectivamente pelas seguintes sepulturas (Fig. 1):

- Núcleo 1 – sepulturas 1 a 5 e 32;
- Núcleo 2 – sepulturas 6 a 9;
- Núcleo 3 – sepulturas 10 a 12;
- Núcleo 4 – sepulturas 13 a 20;
- Núcleo 5 – sepulturas 21 a 28;
- Núcleo 6 – sepulturas 29 a 31.

Estes núcleos poderiam possuir carácter familiar, conforme foi sugerido em outros casos, identificados em necrópoles da mesma época, como a de Atalaia, Ourique (Schubart, 1965), em que a uma sepultura central, a do “fundador”, se associaram, radialmente, muitas outras, constituindo uma estrutura em “favo”. Esta hipótese deve, por outro lado, compaginar-se com outra realidade observada, a evidente concentração de sepulturas com espólio na parte mais oriental da necrópole. Com efeito, a contabilização da distribuição dos materiais arqueológicos exumados, é a seguinte:

- Núcleo 1 – 6 sepulturas, com 2 peças metálicas e 4 recipientes;
- Núcleo 2 – 4 sepulturas, 5 recipientes;
- Núcleo 3 – 3 sepulturas, 1 recipiente;
- Núcleo 4 – 8 sepulturas, 1 recipiente;

Núcleo 5 – 8 sepulturas, 2 recipientes;

Núcleo 6 – 3 sepulturas, desprovidas de espólio.

Assim, poder-se-ia admitir a constituição da necrópole, através da adição simultânea de sepulturas aos diversos núcleos que a integram, correspondendo os núcleos mais ricos aos elementos de um determinado segmento social, com maior destaque na comunidade. Com efeito, o primeiro núcleo ocupa a posição de maior visibilidade na necrópole, enquanto o núcleo oposto, correspondente ao outro extremo do cerro, ocupa claramente posição de menor importância.

Outra hipótese para a explicação destes núcleos poderá corresponder à progressão diacrónica da ocupação do cerro de nascente para poente, a partir da zona de maior visibilidade, que foi, deste modo, a primeira a ser ocupada; neste caso, a diferença de espólios observada poder-se-ia explicar pela existência de uma comunidade progressivamente mais empobrecida.

Deixar-se-á para trabalho de maior fôlego a análise mais aprofundada desta interessante questão.

Aspectos estruturais e construtivos mais relevantes

Um dos aspectos mais evidentes no conjunto das 32 sepulturas que integram a necrópole, é a sua abertura de acordo com a direcção das bancadas de xistos e de grauvaques, situação claramente evidenciada na Fig. 6.

Enquanto os xistos se apresentam finamente folheados, os grauvaques, mais grosseiros, mostram bancadas mais espessas e salientes no terreno, por serem rochas mais resistentes à erosão. Assim, a primeira fase da construção de qualquer sepultura, correspondeu ao escavamento de um covacho, preferencialmente aproveitando uma camada xistosa do terreno. Tal covacho apresenta usualmente os topos verticais, devido à existência de uma família de diáclases verticais, perpendiculares à direcção de estratificação; contrariamente, os lados maiores do referido covacho são tendencialmente assimétricos, condicionados pela direcção de inclinação das camadas, que não se apresentam verticais, mas inclinadas para NE. Assim, o aprofundamento do covacho, iria encontrar, a maior ou menor profundidade, a superfície de uma bancada de grauvaque, subjacente à camada xistosa onde se efectuou cada covacho. Tal situação explica a geometria e simplicidade de algumas sepulturas, cujo fundo, inclinado, se confunde muitas vezes com a parede lateral do lado sul, constituído um todo rampeado: assim sendo, bastaria que, na parede lateral do lado norte, normalmente vertical, fosse colocado um esteio de cutelo, para que ficasse delimitado o espaço sepulcral. Fosse como fosse, a irregularidade das bancadas de grauvaque, correspondentes ao interior da maioria das sepulturas, mesmo daquelas que

mostram maior qualidade construtiva, tornava necessária a regularização do fundo por uma camada argilosa amassada e pisada, a qual foi identificada, especialmente nos casos da existência de oferendas, directamente depositadas sobre a mesma.

Do ponto de vista arquitectónico, a forma de sepultura mais usual é a que corresponde a um recinto de contorno rectangular, mais ou menos alongado, por vezes quase quadrangular, definido por quatro ou mais esteios colocados verticalmente, os quais, maioritariamente, são de xisto, em detrimento do grauvaque, mais grosseiro e que não fornecia lajes tão regulares. Os esteios encontram-se fincados verticalmente, sendo quase sempre reforçados por calços, ou lajes, tanto do lado externo, como, mais raramente, do lado interno, sendo fixados através de roços ao substrato geológico. Tal dispositivo é também usual noutras necrópoles desta época.

A colocação dos esteios respeitou, frequentemente, uma regra já assinalada na necrópole de Alfarrobeira, Silves (Gomes, 1994), e que é frequente em muitas outras necrópoles coevas, segundo a qual os esteios maiores seriam travados pelos que ocupam os topos, de menores dimensões, evitando-se assim o deslocamento dos primeiros para o interior do espaço sepulcral, devido à pressão externa, exercida pelos terrenos. Os processos construtivos observados em cada uma das sepulturas serão objecto de análise mais desenvolvida, a efectuar oportunamente.

A cobertura das cistas era assegurada por uma ou mais lajes, colocadas horizontalmente, servindo de tampas. Destas, porém, apenas em alguns casos se recolheram fragmentos, dispostos horizontalmente, a pequena profundidade, ou mesmo próximo da superfície do terreno, em posição adjacente à cista, como é o caso da sepultura 5 (Fig. 4). Nenhuma das sepulturas conservava a cobertura na sua primitiva posição. Para tal, terá concorrido a lavra do topo do cerro, que, apesar de actualmente desprovido de solo arável, terá sido cultivado em passado próximo, como mostram as marcas do ferro do arado em alguns dos esteios aflorantes.

Dada a concentração de espólios funerários nas sepulturas situadas do lado nascente da necrópole, importava averiguar a eventual relação entre tal realidade e a qualidade construtiva dos correspondentes sepulcros. Neste aspecto, embora as sepulturas com espólio mais importante, respectivamente as sepulturas 4 (Figs. 8, 9), 6 (Figs. 10, 11) e 7 (Figs. 12, 13) exibam assinalável qualidade construtiva, existem sepulturas igualmente bem conservadas e de boa qualidade desprovidas de espólio, como é o caso das sepulturas 14, 15, 16, 18, 22 e 26. Em suma: não parece evidenciar-se qualquer relação entre a qualidade construtiva e a maior ou menor riqueza do espólio respectivo, embora se possa admitir que o mau estado de conservação de algumas sepulturas, possa ter provocado a dispersão dos espólios.

As sepulturas mantiveram, do princípio ao fim da utilização do espaço funerário em que se integram, as mesmas características genéricas, independentemente da sua loca-

lização, desde os simples covachos, até aos recintos melhor construídos, que se podem encontrar em qualquer dos seis núcleos considerados. Com efeito, mesmo as sepulturas de melhor qualidade são de tipologia muito simples, integrando-se nas características dominantes das observadas nas necrópoles algarvias do Bronze do Sudoeste do vale do Guadiana, desde o tempo de Estácio da Veiga. Com efeito, nestas necrópoles não se encontram assinalados recintos periféricos, envolventes das cistas, existentes tanto nas necrópoles do Baixo Alentejo como em algumas do barlavento algarvio, como é o caso da necrópole de Alfarrobeira, Silves (Gomes, 1994). Contudo, nalguns casos, por se tratar de escavações antigas, é possível admitir a hipótese de tais estruturas externas não terem sido devidamente identificadas, até porque estas se reconheceram em necrópoles de cistas da Idade do Ferro do concelho de Alcoutim, como é o caso da necrópole do Cabeço da Vaca 1 (Cardoso & Gradim, 2006), atestando que tal tradição perdurou (em continuidade?) na Idade do Ferro.

A sepultura 5, situada no sector 1 da necrópole (Fig. 1), poderá possuir uma pequena estela de grauvaque, fixada junto de um dos topos (Fig. 4). A posição desta hipotética estela sugere que a cabeceira da sepultura se encontraria desse lado, ou seja, ocupando o topo WNW da cista, situação que, provavelmente, se repetiria nas restantes cistas da necrópole.

Em posição adjacente a essa possível estela, desenvolvia-se um empedrado, de contorno sub-rectangular, constituído por blocos de grauvaque, preenchendo o espaço até à sepultura 4 (Fig. 4), o qual, depois de removido, se verificou assentar directamente no substrato geológico. Desconhece-se qual a função deste empedrado, mas importa salientar que, na necrópole da Quitéria, se encontraram também empedrados no exterior das sepulturas e na sua adjacência (Silva & Soares, 1981: 147).

Espólio

Neste contributo, será apenas inventariado o espólio arqueológico exumado, deixando-se para trabalho de maior fôlego uma análise mais detalhada do mesmo, incluindo o respectivo estudo comparativo. De momento, apenas se apresenta a inventariação dos materiais recolhidos, por sepulturas:

Sepultura 1 – associada a uma taça de carena média, incompleta (Fig. 7, n.º 2), recolheu-se uma ponta de arremesso, de cobre, muito corroída, mas com a base conservada, evidenciando fixação por rebitagem (Fig. 7, n.º 1).

Sepultura 4 – ocupando a metade poente da sepultura (Fig. 8), identificaram-se, ao centro, um recipiente baixo de paredes reentrantes (Fig. 9, n.º 3); uma pequena taça de carena baixa, do “tipo Atalaia” (Fig. 9, n.º 1) e, entre as duas, um punhal de ta-lão convexo, desprovido de rebites (Fig. 9, n.º 2). A posição destas três peças no

interior da sepultura sugere que o indivíduo, em posição de decúbito lateral com pernas e braços flectidos, poderia ter o recipiente de maiores dimensões junto às mãos, enquanto o de menores dimensões e o punhal se situariam junto à cabeça, que ocuparia o topo de NW da sepultura, voltada para sul.

Sepultura 5 – forneceu uma taça de carena média, incompleta (Fig. 7, n.º 3).

Sepultura 6 – forneceu dois recipientes, encontrados em lados opostos da sepultura (Fig. 10): um recipiente baixo, de paredes reentrantes e fundo convexo, idêntico a um dos recolhidos na sepultura 4 (Fig. 9, n.º 3), no topo nascente; e uma taça carenada, de menores dimensões (Fig. 11, n.º 2), também ela comparável à recolhida naquela sepultura (Fig. 9, n.º 1), no topo poente. Verifica-se, pois, que, salvo a ausência do punhal, os espólios destas duas sepulturas se afiguram idênticos. A posição que teriam relativamente à inumação, sugere que o recipiente de maiores dimensões poderia situar-se junto do crânio, enquanto a pequena taça carenada teria sido depositada junto dos pés do cadáver.

Sepultura 7 – no seu interior recolheram-se dois recipientes (Fig. 12), correspondentes a um vaso globular de colo alto, em forma de saco (Fig. 13, n.º 2), tombado ulteriormente sobre um dos lados, ao lado do qual jazia um recipiente de carena baixa (Fig. 13, n.º 1), do mesmo tipo dos recolhidos nas sepulturas 4 (Fig. 9, n.º 3) e 6 (Fig. 11, n.º 1). Originalmente, o grande vaso deveria ocupar o canto SW da sepultura, enquanto o recipiente menor conservou a sua posição primitiva. Desta forma, é provável que o cadáver, em decúbito lateral, com braços e pernas flectidos, estivesse voltado com a cabeça para poente, ocupando o topo NW da sepultura (tal como se verificava nas sepulturas 4 e 6), defronte da qual se colocou o vaso maior, enquanto o mais pequeno foi depositado junto das mãos.

É interessante referir a ocorrência de diversos casos em que se observou a associação artefactual, numa mesma sepultura, de um vaso globular de colo alto a um recipiente do tipo taça ou vaso baixo: é o caso da sepultura 7 da necrópole de Alfarrobeira (Gomes, 1994, Fig. 68) e de diversas necrópoles da Andaluzia, por este autor mencionadas.

Sepulturas 9, 10, 13, 24 e 32 – cada uma destas sepulturas forneceu uma taça ou vaso de carena baixa (Fig. 14, n.ºs 1 a 3; Fig. 15, n.ºs 1 e 3), apenas em dois casos encontrados completos (sepulturas 10 e 24).

Sepultura 28 – nesta sepultura recolheu-se um esférico baixo (Fig. 15, n.º 2), o único exemplar com esta tipologia identificado na necrópole, mas com paralelos em outras necrópoles coevas, tanto baixo-alentejanas (caso de Atalaia, Ourique), como algarvias.

A análise do espólio cerâmico mostrou que são quatro as formas essenciais presentes, todas elas características e comuns no Bronze do Sudoeste, especialmente nas necrópoles consideradas mais antigas desta Cultura:

- vasos globulares de colo alto, em forma de saco – um exemplar;
- vasos globulares baixos (próximos das taças em calote) – um exemplar;
- vasos de carena média e parede reentrante direita – quatro exemplares;
- vasos de carena baixa ou média e parede reentrante côncava – nove exemplares.

No tocante ao espólio metálico, o pequeno punhal de talão convexo simples, recolhido na sepultura 4 (Fig. 9, n.º 2) desprovido de chanfros ou de rebitagem para encabamento, é, pelo contrário, forma extremamente rara nos contextos do Bronze do Sudoeste; apenas um exemplar, desenhado por Estácio da Veiga, oriundo da antiga colecção de Júdice dos Santos se lhe pode comparar (Veiga, 1891, Est. VII), mas é de maiores dimensões e possui um espessamento central que justificou a hipótese de ser considerado como alabarda (Gomes, 1994, Fig. 75, N). Deve ainda mencionar-se outro exemplar, mais próximo, mas aparentemente muito corroído, também representado por Estácio da Veiga, recolhido numa sepultura do Curral da Pedra, Odeleite, concelho de Castro Marim (Veiga, 1891, XII, n.º 7; Est. XV, n.º 6).

A pequena ponta de arremesso, ou de projectil, recolhida na sepultura 1 (Fig. 7, n.º 1), a qual conserva a base, com um pequeno rebite incompleto é, igualmente, muito rara nos inventários das necrópoles do Bronze do Sudoeste, avultando o exemplar recolhido na necrópole de Atalaia, Ourique (Schubart, 1975, Tf. 29, n.º 296).

Conclusões

O estudo preliminar da necrópole das Soalheironas, agora efectuado, conduziu às seguintes conclusões gerais:

1

A localização geográfica da necrópole, muito perto da margem direita do Guadiana, e, portanto, do território espanhol, mostra, a par de outras necrópoles conhecidas na região, que a distribuição das mesmas se terá efectuado, sem soluções de continuidade, até às regiões setentrionais da província de Huelva, onde se reconheceram necrópoles com características arquitectónicas e espólios semelhantes. Os espaços ainda vazios do território espanhol, ao longo da margem esquerda do Guadiana, podem, assim, atribuir-se mais à ausência de prospecções, do que ao efectivo despovoamento da região, no decurso da Idade do Bronze. Por outro lado, a concentração de necrópoles ao longo do Guadiana, algu-

mas das quais conhecidas desde o tempo de Estácio da Veiga, e por ele publicadas, sugere a importância económica que o grande rio teria já então. Com efeito, sendo esta uma área pouco propícia à prática da agricultura, a exploração das minas de cobre disseminadas pela região, com a consequente circulação dos produtos respectivos, constituiria, por certo, o mais importante factor de fixação e povoamento desta região do baixo Guadiana.

2

A selecção de um cerro, estreito e alongado, de orientação geral ESE-WNW, para a implantação da necrópole, foi determinante para a conferir a esta características peculiares, onde as sepulturas se sucedem, alinhadas, umas às outras. Trata-se de uma situação que ainda não tinha sido identificada em necrópoles do Bronze do Sudoeste, muito embora nalguns casos, como em Alcaria (Monchique), a orientação preferencial das cistas que constituem a necrópole seja evidente, não assumindo, contudo, a disposição unilinear que caracteriza o caso em apreço;

3

A organização interna da necrópole mostrou a existência de seis núcleos, concentrando-se os espólios nos dois núcleos mais orientais. Verifica-se que esta situação não pode ser correlacionada, nem com o eventual melhor estado de conservação das cistas desses dois grupos – que não se verifica – nem com uma melhor qualidade construtiva das mesmas; com efeito, nos núcleos central e ocidental, reconheceram-se sepulturas de qualidade construtiva idêntica à patenteada em exemplares dos dois núcleos mais orientais, e igualmente em bom estado de conservação, mas desprovidas de espólio. Desta forma, duas alternativas se afiguram merecedoras de futura discussão:

A primeira alternativa para explicar a realidade observada, corresponde à hipótese de os diversos núcleos observados na necrópole serem organizados em simultâneo, mas de forma hierarquizada, explicando-se a maior abundância de espólios observada nos dois núcleos mais orientais, que são também os que ocupam uma posição de maior visibilidade na necrópole, pela maior importância social dos ali tumulados, independentemente de a sociedade da época, na região, já se encontrar, ou não, organizada em linhagens. Note-se, a propósito, que as duas únicas peças metálicas exumadas provêm do núcleo mais oriental e que nove dos treze recipientes foram recolhidos nesses dois núcleos, os quais, no conjunto, integram apenas 10 das 32 sepulturas identificadas.

A segunda alternativa corresponde à possibilidade de a necrópole ter sido construída progressivamente de oriente para ocidente: nestes termos, as sepulturas mais antigas, que ocupariam a parte mais destacada do cerro, pertencentes aos dois pri-

meiros núcleos, seriam também as mais ricas; o declínio observado nas oferendas fúnebres ficaria, deste modo, explicado, quer por corresponder a prática caída em desuso, no decurso da utilização da necrópole – que poderia ter durado apenas duas ou três dezenas de anos – quer pelo crescente empobrecimento da comunidade respectiva, pese embora a humildade das oferendas.

4

Do ponto de vista tipológico, o conjunto cerâmico integra formas comuns ao Bronze do Sudoeste, genericamente reportáveis à sua fase mais antiga (produções do Grupo Atalaia), as quais são comuns nas necrópoles do vale do baixo Guadiana, contrastando com a ausência de produções cerâmicas consideradas mais tardias, que, embora conhecidas no Algarve, se encontram representadas no barlavento (Schubart, 1975, Karte 16, 18). Ao contrário, o espólio metálico, constituído por uma pequena ponta de arremesso (ou de projectil) de cobre, e por um punhal de talão convexo, desprovido de chanfros de encabamento ou de rebites, também de cobre, constituem tipos raros no quadro das produções metálicas do Bronze do Sudoeste.

Agradecimentos

À Câmara Municipal de Alcoutim, na pessoa do seu Presidente, o Dr. Francisco Amaral, pelo apoio financeiro disponibilizado, sem o qual a exploração arqueológica integral da notável necrópole das Soalheironas não teria sido possível.

A todos os colaboradores nos trabalhos de campo que, com o seu contributo esforçado, tornaram possível a presente publicação.

Bibliografia

- CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2006) – A necrópole da Idade do Ferro de Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim). *Actas do 3.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 2005)*, 1, pp. 201-226. Silves: Câmara Municipal de Silves (Xelb, 6).
- CATARINO, H. (1997/1998) – *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados*, Volume 3 – Anexos, pp. 1222-1223 . Loulé (Al-'Ulyā, 6).
- GOMES, M. VARELA (1994) – *A necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves*. Silves: Câmara Municipal de Silves (Xelb, 2).
- SCHUBART, H. (1965) – Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 22: 7-136. Beja.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Tafeln. Berlin: Walter de Gruyter (Madriider Forschungen, Band 9).
- SILVA, C. TAVARES DA & SOARES, J. (1981) – *Pré-História da área de Sines*. Sines: Gabinete da Área de Sines.
- VEIGA, S. P. M. ESTÁCIO DA (1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, Volume IV. Lisboa: Imprensa Nacional.

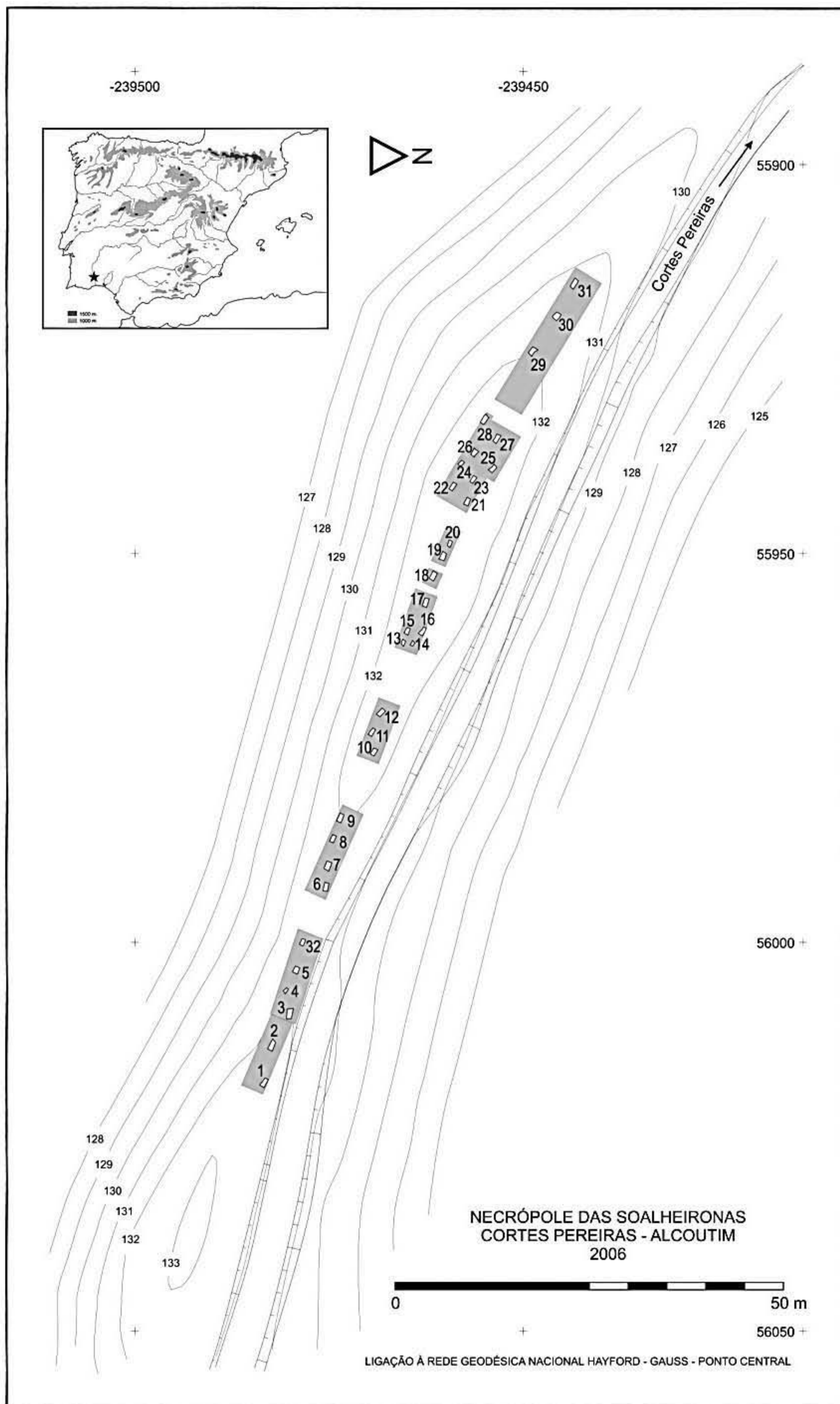


FIGURA 1. Planta da necrópole das Soalheironas, com a indicação dos sectores que a integram. Levantamento topográfico do GAT de Tavira, modificado.



FIGURA 2. Enquadramento paisagístico da necrópole das Soalheironas, evidenciando-se o rio Guadiana, que corre cerca de 3 km a Oeste. Foto de J. L. Cardoso.



FIGURA 3. A sepultura 12, depois de escavada, quase totalmente arrasada pela anterior passagem de máquinas de lagartas, que provocaram o esmigalhamento dos esteios de xisto que a definiam, até à base. Foto de J. L. Cardoso.



FIGURA 4. Vista parcial do sector 1 da necrópole das Soalheironas. Em primeiro plano, a sepultura 5, de pequenas dimensões, atribuível a criança, conservando de um dos lados parte da laje de cobertura, cuja cabeceira se encontra marcada por uma possível estela de grauvaque. Em segundo plano, entre esta sepultura e a sepultura 4, observa-se empedrado de planta sub-rectangular, assente no substrato geológico, constituído sobretudo por blocos de grauvaque. Foto de J. L. Cardoso.

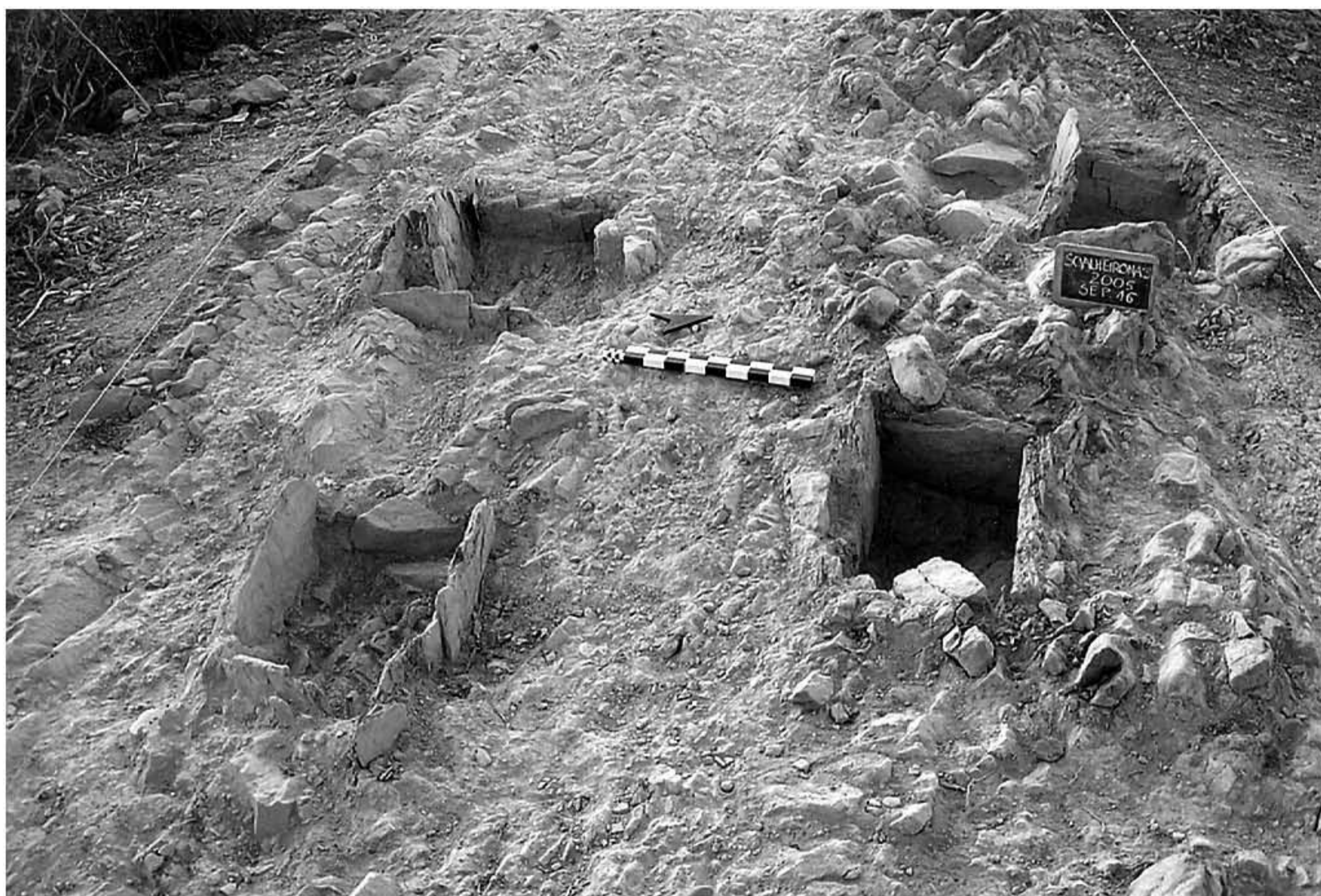


FIGURA 5. Vista parcial do sector 4 da necrópole das Soalheironas, correspondente a um sector do cerro onde se construíram sepulturas lado a lado, mas sempre com a mesma orientação geral, de ESE-WSW. Foto de J. L. Cardoso.

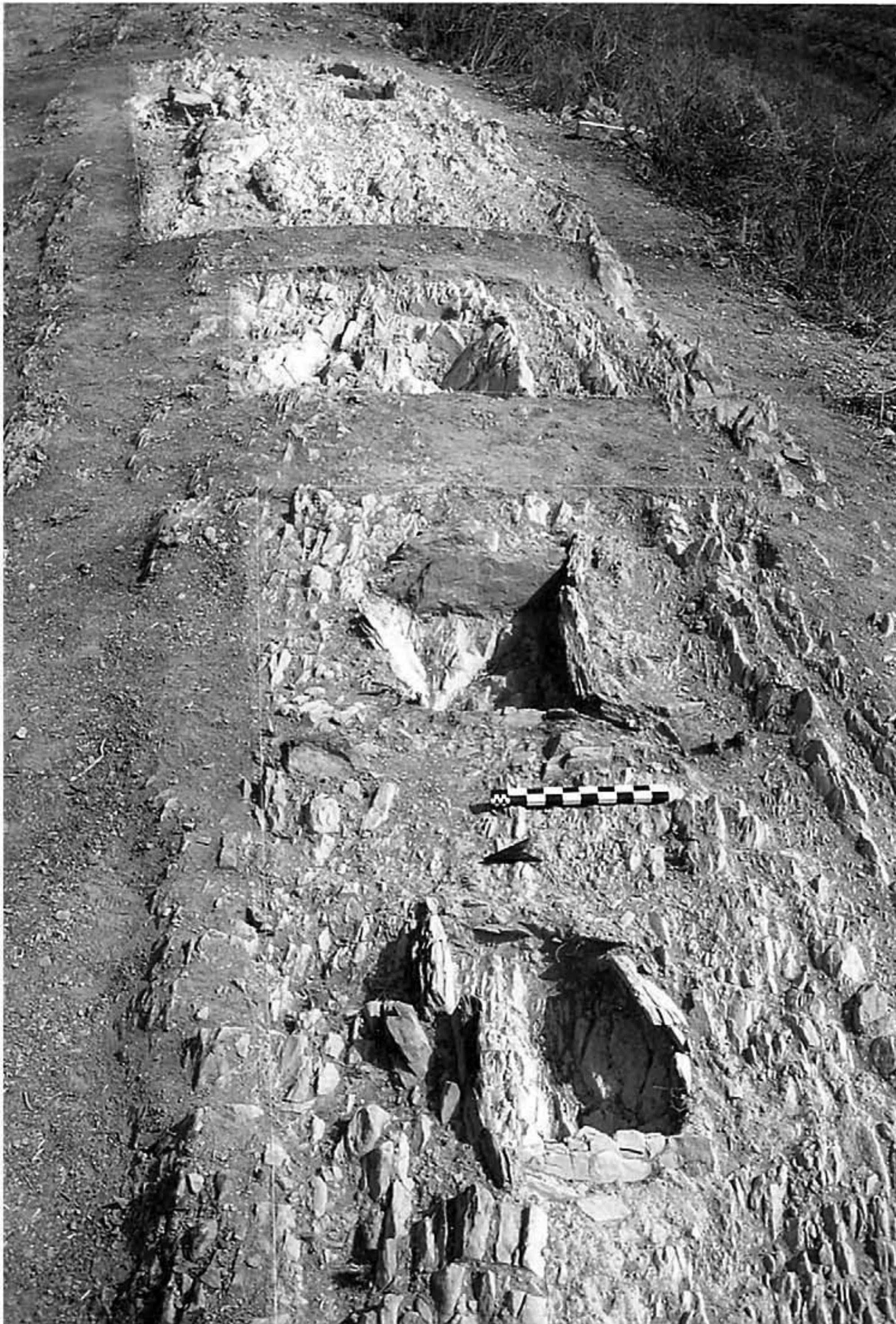


FIGURA 6. Vista parcial do sector 4 da necrópole das Soalheironas, evidenciando-se a forte imposição da estrutura geológica (camadas alternantes de xistos e gruvaques) na orientação das sepulturas. Foto de J. L. Cardoso.

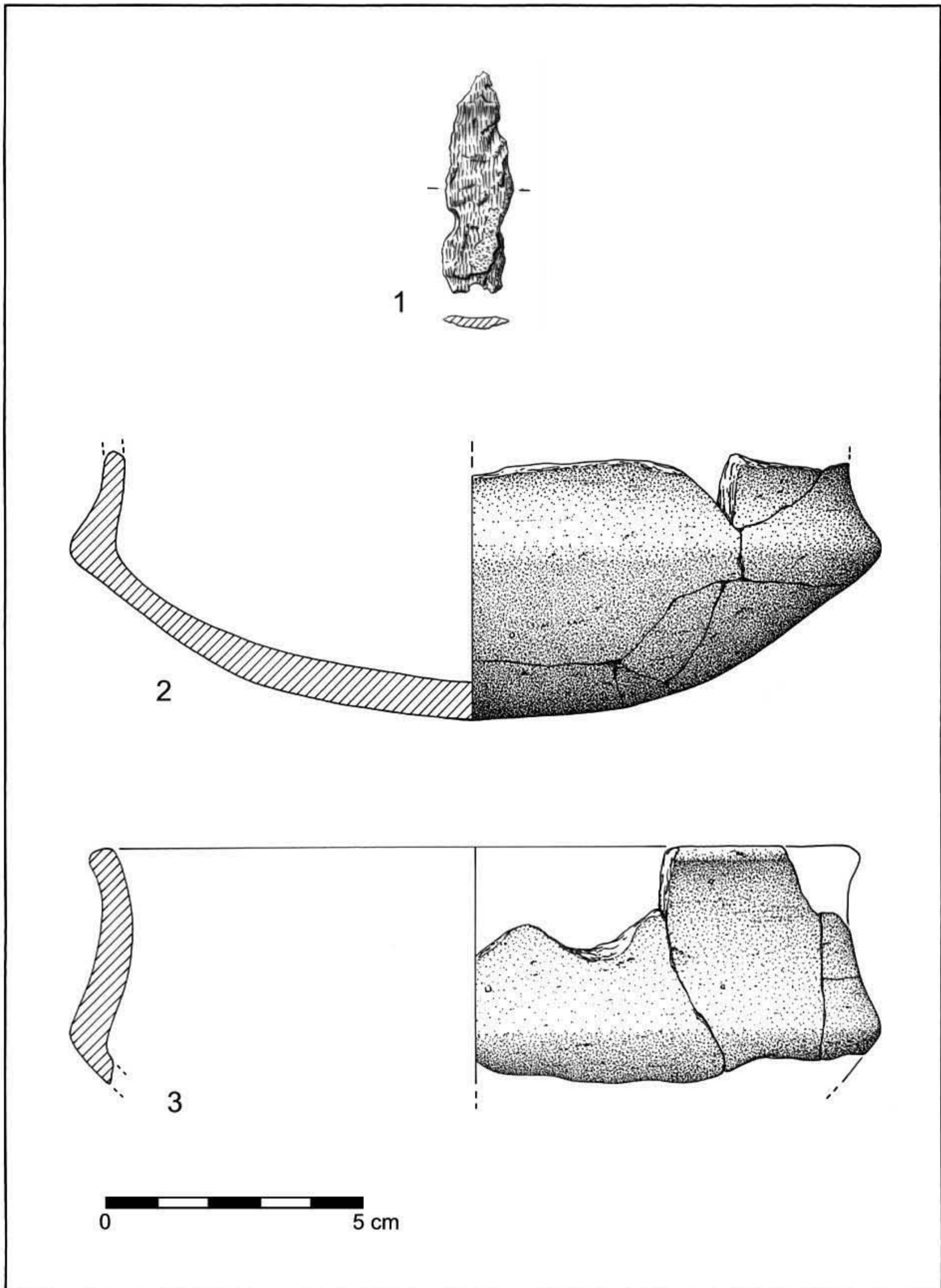


FIGURA 7. Necrópole das Soalheironas. Materiais cerâmicos e de cobre. 1 e 2 – sepultura 1; 3 – sepultura 5. Desenhos de Filipe Martins e de Bernardo Ferreira.



FIGURA 8. Necrópole das Soalheironas. Vista dos materiais exumados no interior da sepultura 4. Foto de J. L. Cardoso.

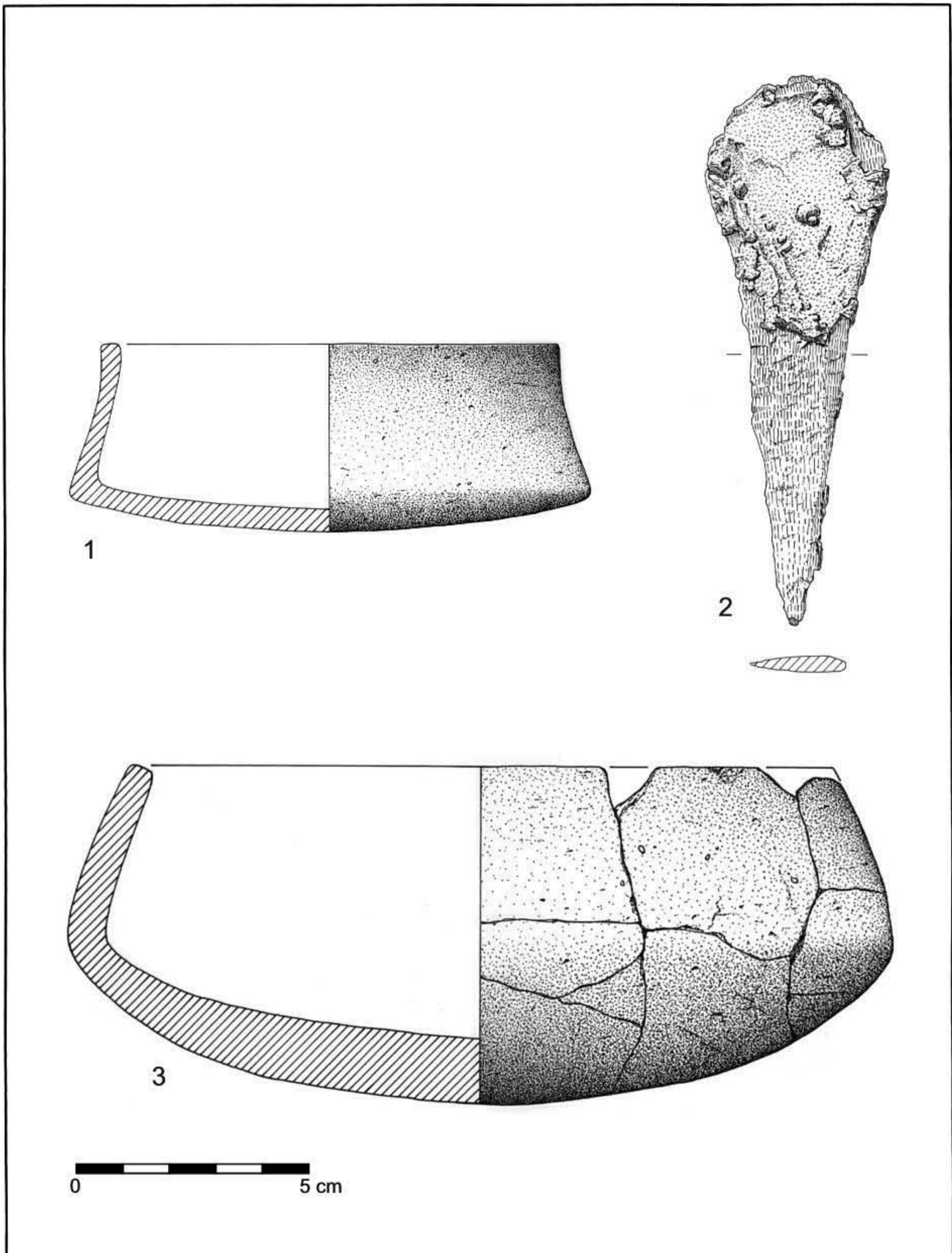


FIGURA 9. Necrópole das Soalheironas. Materiais cerâmicos e metálicos da sepultura 4. Desenhos de Filipe Martins e de Bernardo Ferreira.



FIGURA 10. Necrópole das Soalheironas. Vista dos materiais exumados no interior da sepultura 6. Foto de J. L. Cardoso.

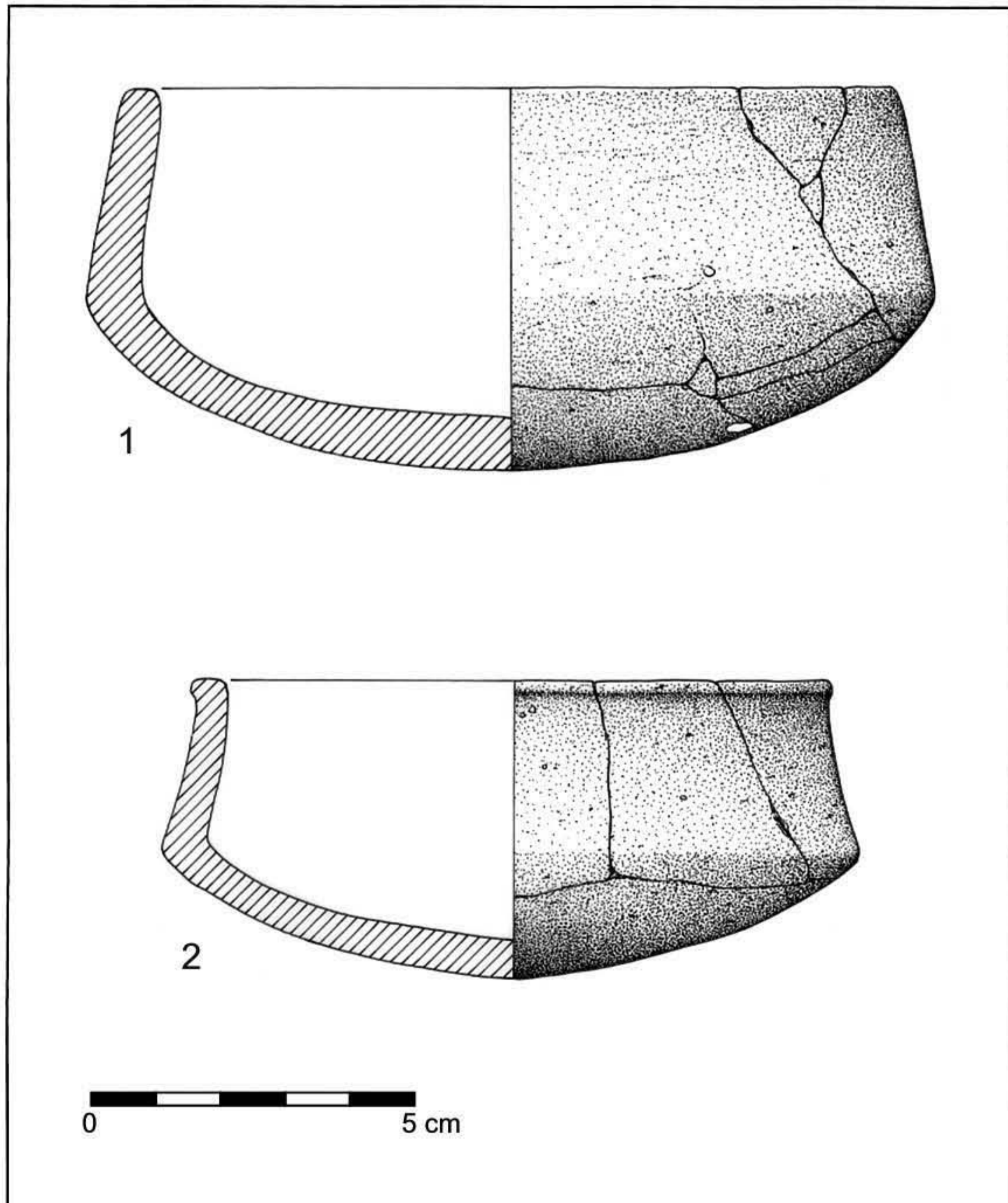


FIGURA 11. Necrópole das Soalheironas. Materiais da sepultura 6. O vaso de maiores dimensões corresponde ao observado na Fig. 10, do lado esquerdo da foto. Desenhos de Filipe Martins.



FIGURA 12. Necrópole das Soalheironas. Vista dos materiais exumados no interior da sepultura 7. Foto de J. L. Cardoso.

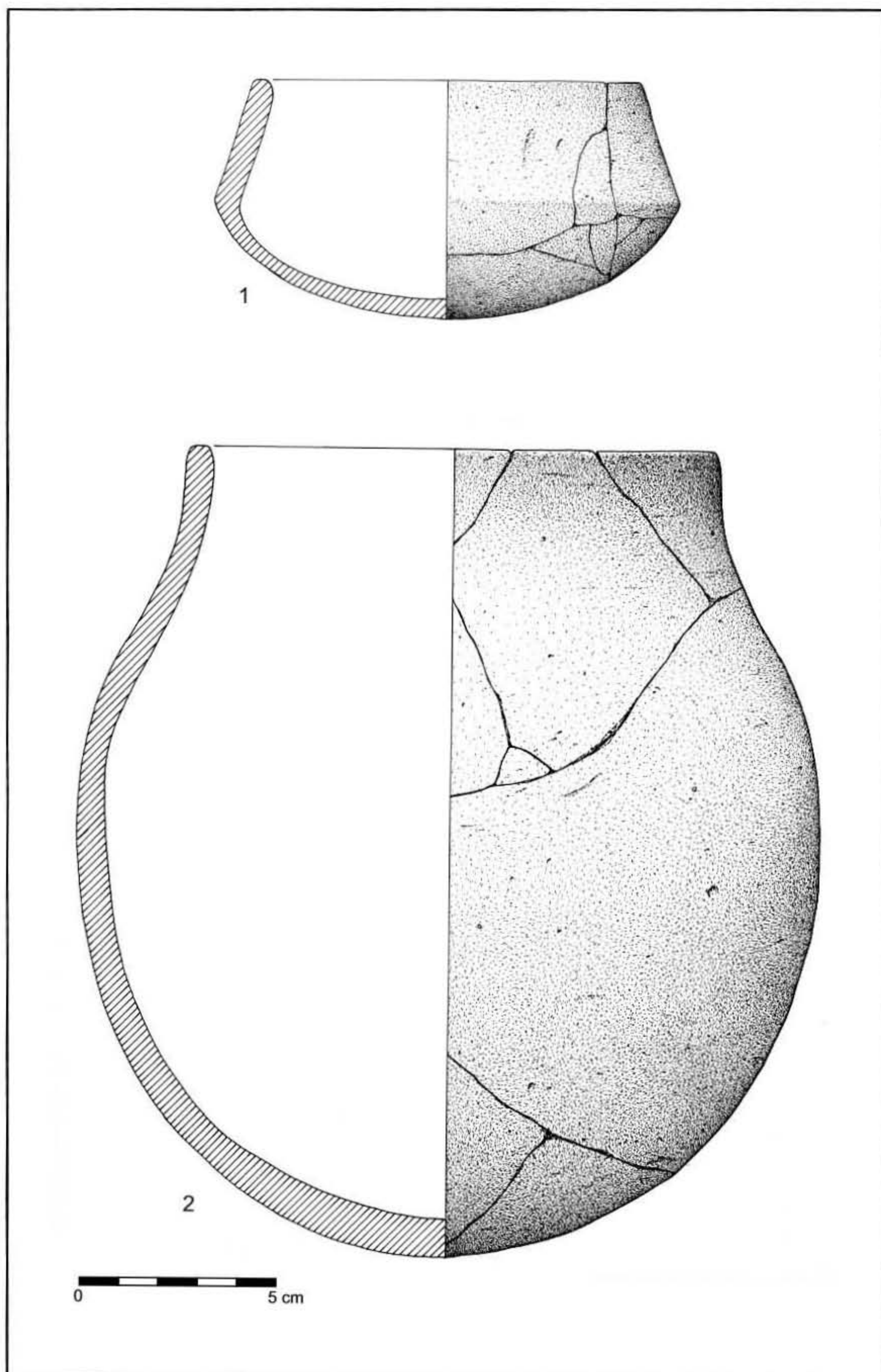


FIGURA 13. Necrópole das Soalheironas. Materiais da sepultura 7. Desenhos de Filipe Martins.

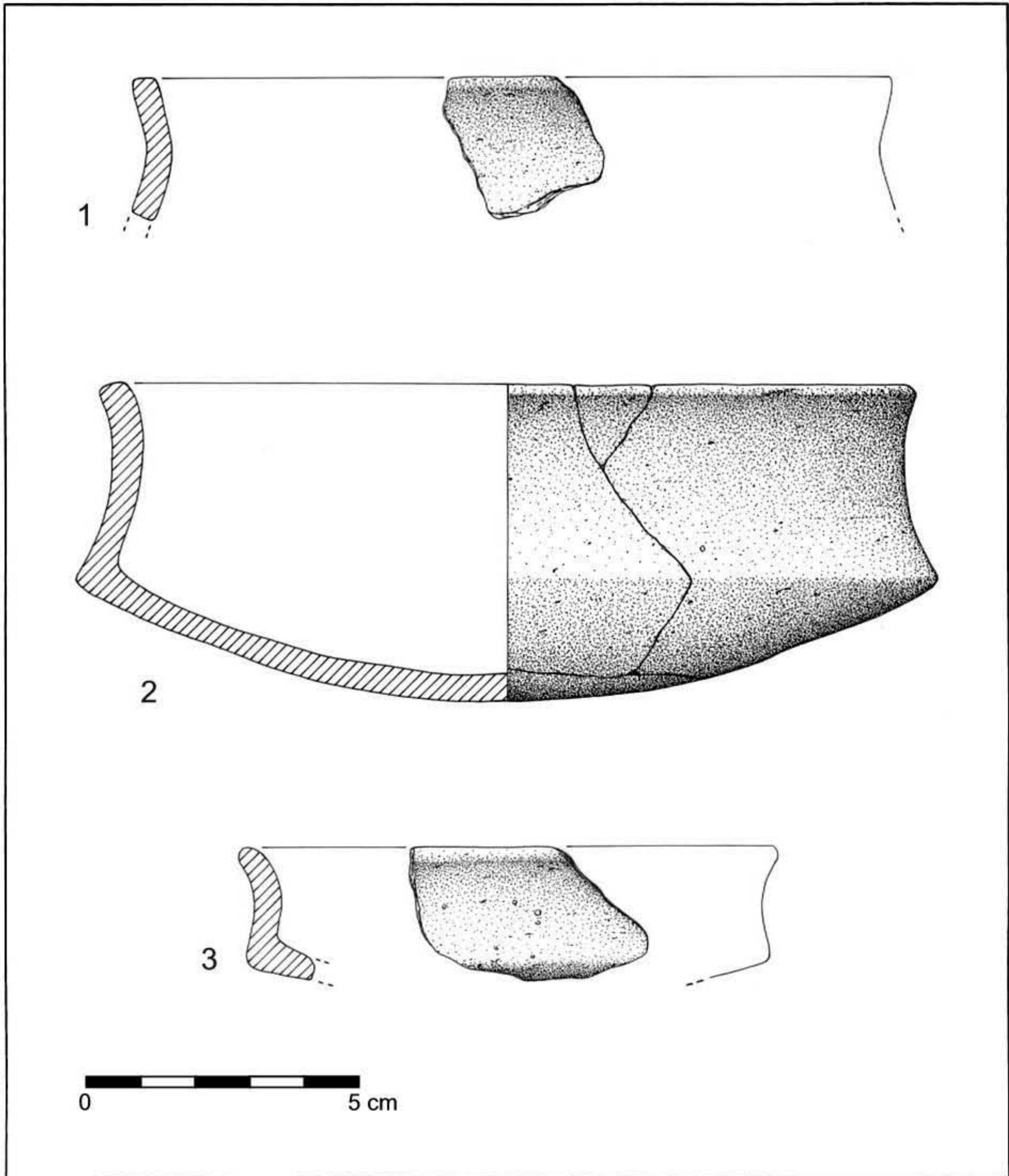


FIGURA 14. Necrópole das Soalheironas. Materiais cerâmicos. 1 – sepultura 9; 2 – sepultura 10; 3 – sepultura 13. Desenhos de Filipe Martins.

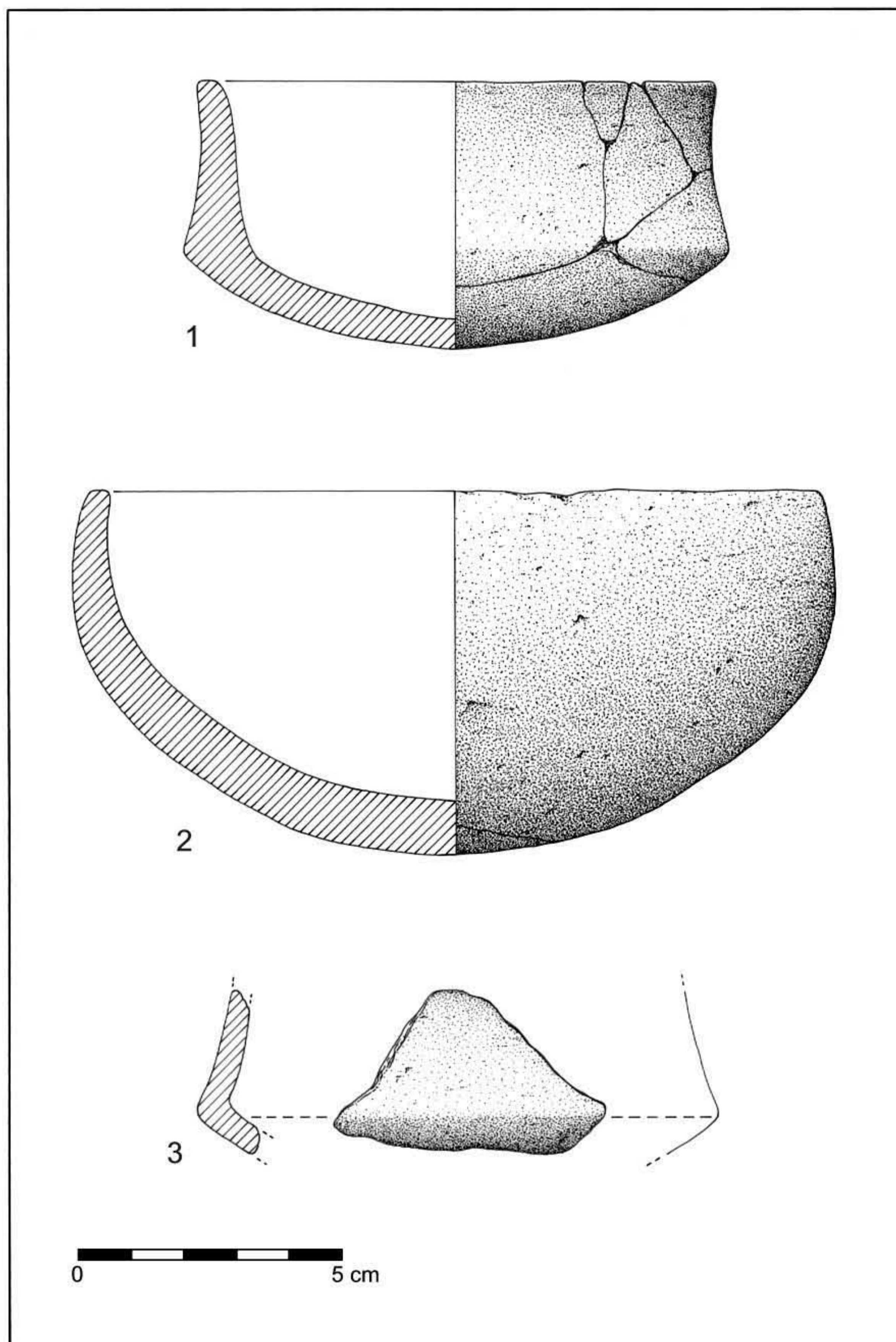


FIGURA 15. Necrópole das Soalheironas. Materiais cerâmicos. 1 – sepultura 24; 2 – sepultura 28; 3 – sepultura 32. Desenhos de Filipe Martins.